

Poder simbólico no jornalismo: repórteres especiais e construção de prestígio jornalístico

Symbolic power:

Special reporters and construction of journalistic prestige

Por Magali Moser

Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo

Este artigo investiga as percepções de repórteres especiais brasileiros sobre suas trajetórias profissionais, com ênfase nas motivações que influenciaram a escolha pelo jornalismo e nos sentidos atribuídos a essa decisão. Ao analisar como narram tal vivência, o estudo busca revelar não apenas aspectos biográficos, mas, sobretudo, os modos como se constroem simbolicamente enquanto figuras de referência no campo profissional, considerando sua posição numa das esferas mais valorizadas na hierarquia das redações. O *corpus* da pesquisa é composto por depoimentos de 12 jornalistas consagrados pelos prêmios mais relevantes da área, e a abordagem metodológica se baseia na análise de conteúdo. A reflexão ancora-se nas contribuições de Pierre Bourdieu (1996), em especial na noção de poder simbólico. Os resultados permitem acessar sentidos compartilhados sobre o jornalismo e identificar os modos pelos quais repórteres especiais interpretam suas trajetórias, ampliando o debate sobre identidade profissional e os processos que a constroem.

Palavras-chave: Jornalismo. Repórteres especiais. Poder simbólico. Identidade profissional.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v25.ed56.2025.480>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 25, n. 56, p.154-170, maio/ago. 2025

Abstract

This article investigates the perceptions of Brazilian special reporters about their professional trajectories, with an emphasis on the motivations that influenced their choice of journalism and the meanings attributed to this decision. By analyzing how they narrate this experience, the study seeks to reveal not only biographical aspects, but, above all, the ways in which they symbolically construct themselves as reference figures in the professional field, considering their position in one of the most valued spheres in the hierarchy of newsrooms. The corpus of the research is composed of testimonies from 12 journalists recognized by the most important awards in the field, and the methodological approach is based on content analysis. The reflection is anchored in the contributions of Pierre Bourdieu (1996), especially in the notion of symbolic power. The results allow us to access shared meanings about journalism and identify the ways in which special reporters interpret their trajectories, expanding the debate on professional identity and the processes that construct it.

Keywords: Journalism. Special reporters. Symbolic power. Professional identity.

Resumen

Este artículo investiga las percepciones de los reporteros especiales brasileños sobre sus trayectorias profesionales, con énfasis en las motivaciones que influenciaron su elección del periodismo y los significados atribuidos a esta decisión. A través del análisis de cómo narran dichas experiencias, el estudio busca revelar no sólo aspectos biográficos, sino, sobre todo, los modos en que se construyen simbólicamente como figuras de referencia en el ámbito profesional, considerando su posición en una de las esferas más valoradas en la jerarquía de las redacciones. El corpus de la investigación está compuesto por testimonios de 12 periodistas reconocidos con los premios más relevantes del rubro, y el enfoque metodológico se basa en el análisis de contenido. La reflexión se ancla en los aportes de Pierre Bourdieu (1996), especialmente en la noción de poder simbólico. Los resultados permiten acceder a significados compartidos sobre el periodismo e identificar las formas en que los reporteros especiales interpretan sus trayectorias, ampliando el debate sobre la identidad profesional y los procesos que la construyen.

Palabras clave: Periodismo. Reporteros especiales. Poder simbólico. Identidad profesional.

Introdução

Diante das transformações profundas no ecossistema midiático – marcado pela crise dos modelos de negócios tradicionais, pelos avanços tecnológicos e por novas formas de produção e consumo da informação –, o jornalismo se reconfigura. Nesse cenário de mudanças radicais nas relações de trabalho e nas práticas jornalísticas (Pereira, 2020; Christofolletti, 2019; Charron, Bonville, 2016), destaca-se uma elite profissional formada por um grupo específico: os repórteres especiais. Mais do que uma distinção funcional ou corporativa, esse título carrega um valor simbólico associado à excelência, à legitimidade e ao prestígio social. Esses profissionais são frequentemente reconhecidos como referências do ofício por representarem a reportagem em sua forma mais autoral, investigativa e aprofundada. Seja nos bastidores das redações, nas salas de aula de jornalismo ou entre o público, seus nomes circulam como referências e suas produções são tomadas como modelos. Com ampla autonomia e reconhecimento, exercem influência não apenas pela qualidade de suas reportagens, mas também pelos discursos que articulam sobre o próprio fazer.

Suas trajetórias merecem ser estudadas, pois é necessário compreender como se tornaram possíveis, além de quais valores, práticas e representações ajudaram a consolidá-las. Ainda que as condições de trabalho e a visibilidade da ampla maioria dos jornalistas em atuação no Brasil destoem profundamente da realidade vivida por repórteres que recebem o título de “especiais”, analisar esses percursos dissonantes permite entender melhor as dinâmicas do campo profissional. Refletir sobre a conquista desse espaço diferenciado contribui para a compreensão das lógicas e das disputas internas, bem como das condições que viabilizaram tais trajetórias. Jornalistas, de modo geral, participam da interpretação da realidade, cristalizando crenças e produzindo sentidos (Aguiar, Andrade, 2023), mas repórteres especiais se distinguem por exercerem formas particulares de influência que emergem de suas posições profissionais. A junção desses fatores lhes confere uma manifestação específica do poder simbólico no universo jornalístico, permitindo que influenciem agendas, estabeleçam parâmetros e articulem relações de autoridade.

O objetivo deste artigo é apresentar as percepções de repórteres especiais em atuação no Brasil acerca de sua trajetória de destaque, com ênfase para a sua escolha profissional e os primeiros incentivos recebidos para o jornalismo. Assim, quem são e como narram a própria escolha pela profissão constituem aspectos centrais analisados aqui. Depoimentos de 12 repórteres especiais brasileiros compõem o *corpus* da

pesquisa: Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana e Renan Antunes de Oliveira (*in memoriam*). Os procedimentos metodológicos se amparam na análise de conteúdo, e o enquadramento adotado é parte de um estudo maior, realizado com base em depoimentos concedidos por esses profissionais com ênfase nas suas práticas profissionais (Moser, 2024). Para fins deste estudo, o foco é delimitado aos primeiros estímulos recebidos para as carreiras empreendidas, buscando entender os perfis, os contextos sociais e as motivações de jornalistas consagrados na realidade brasileira.

A pesquisa adota como principal procedimento metodológico a realização de entrevistas semiestruturadas com os 12 repórteres especiais selecionados. Em paralelo, reúne depoimentos concedidos por eles a outras fontes públicas, com a intenção de ampliar a compreensão sobre suas trajetórias e possibilitar a análise não apenas das narrativas autoconstruídas pelos repórteres, mas também de como suas histórias são percebidas e registradas em diferentes contextos. A opção por esse recorte se ancora na premissa de que o prestígio e o reconhecimento desses profissionais exigem o acesso às narrativas que eles próprios constroem sobre sua posição no campo. Os depoimentos coletados foram submetidos à análise de conteúdo temática, que possibilitou organizar e compreender as narrativas em torno de eixos recorrentes. A partir desses critérios, foram construídas categorias analíticas (Moser, 2024). Buscando compreender como se formam as predisposições e interesses iniciais que orientam a trajetória profissional, este artigo concentra-se numa única categoria: primeiros estímulos para o jornalismo.

Reconheço, entretanto, que cada caminhada se constrói a partir de múltiplos fatores, muitos dos quais ligados a circunstâncias aleatórias e imprevisíveis. Nesse sentido, alinho-me ao que o sociólogo Pierre Bourdieu (1996) denomina com precisão como *ilusão biográfica*. O autor problematiza a forma como as narrativas de vida tendem a selecionar episódios convenientes, descartando acasos, rupturas e contradições, de modo a compor uma trajetória supostamente coerente. Interroga, assim, a ideia amplamente disseminada pelo senso comum de que a vida se desenrola como uma jornada linear: “Sem dúvida, temos o direito de supor que a narrativa autobiográfica inspira-se sempre, ao menos em parte, na preocupação de atribuir sentido, de encontrar a razão, de descobrir uma lógica [...]” (Bourdieu, 1996, p. 75). À luz dessas ponderações, a reflexão proposta assume, portanto, o risco inerente à atribuição ilusória de coerência às

construções identitárias. Mesmo assim, ciente dessa armadilha, procuro compreender as motivações, influências e estímulos que orientam – ainda que parcialmente – os percursos dos sujeitos investigados.

Repórteres especiais e poder simbólico no jornalismo

Historicamente, o repórter se consolidou como figura central do jornalismo, simbolizando a “essência” da profissão. Representa a função onde o ofício se define, sendo frequentemente evocado como a imagem “paradigmática da carreira jornalística”, como aponta um dos primeiros estudos sobre a identidade social profissional no Brasil, no início dos anos 1990 (Travancas, 2011, p. 16): “[...] igualmente importante no desenvolvimento histórico da profissão, os repórteres foram-se transformando num mito coletivo no qual representam o indivíduo na sociedade de massas, aptos a mobilizar o poder da imprensa para corrigir a injustiça” (Traquina, 2013, p. 57). No entanto, embora a tradição das rotinas internas da profissão leve muitos jornalistas a iniciarem sua trajetória como repórteres, poucos permanecem no posto ao longo da carreira. Em uma atividade marcada por baixos salários, alta rotatividade e instabilidade, é comum a migração para cargos de edição ou funções fora das redações – como assessorias de imprensa e agências de comunicação. A permanência e o destaque como repórter especial tornam-se exceções.

Os estudos de jornalismo raramente apresentam uma definição precisa ou uma análise sistemática em torno da noção de *repórter especial*, apesar do uso disseminado do termo no campo profissional. Na edição mais recente do Manual de Redação da Folha de S. Paulo (2021, p. 36), principal jornal de referência do país, a expressão é descrita da seguinte maneira: “integra o grupo de repórteres diretamente subordinados à Direção de Redação. Atua prioritariamente em pautas que exigem investigação própria e demandam investigação mais longa. É cargo de confiança”. Ainda que escassas, pistas bibliográficas apontam para a necessidade de compreender essa categoria em uma perspectiva relacional.

O reconhecimento dessa posição vai além da competência técnica. A autoridade do repórter especial se constrói não apenas por meio de prêmios, tempo de profissão ou reputação acumulada, mas também por um reconhecimento socialmente construído. Ou seja, o *status* de repórter especial só existe porque é reconhecido como tal pelo campo – por editores, colegas, fontes e pelo público. Trata-se, portanto, de uma posição conquistada e constantemente reafirmada, sustentada por disposições incorporadas (*habitus*),

capital simbólico e estratégias de distinção. Bourdieu (2009; 1996) lembra que o poder simbólico só se efetiva quando há reconhecimento mútuo entre quem exerce o poder e quem o aceita. No caso dos repórteres especiais, seu lugar diferenciado na hierarquia das redações é legitimado não apenas pelas chefias, mas sobretudo pela comunidade profissional e pelas instâncias de consagração, como premiações, convites para palestras, posições em universidades, no campo intelectual e entre a audiência.

Cada vez mais escasso devido à intensa rotatividade, juvenilização e precarização das redações, o *jornalista sênior* passou a ser raro, sendo visto com fascínio e admiração, além de moldar a formação de jovens repórteres. Na ausência de um conjunto de referências consolidadas e explícitas que legitime a tradição da atividade jornalística, esses cânones funcionam como paradigma do jornalismo de qualidade. Por acumular uma ampla vivência, com muitas coberturas na bagagem, têm nas próprias trajetórias um aliado na resolução de conflitos, dilemas e dificuldades, gerenciando de modo eficaz momentos de crise, partilhando conhecimentos com a equipe e atuando como uma espécie de guia. Talvez, justamente por isso, sejam mantidos por algumas empresas de maneira estratégica para fortalecer seu próprio poder simbólico (Bourdieu, 2009). Assumir certas funções, ainda que não se concorde totalmente com a política editorial e organizacional das empresas, pode contribuir para o reconhecimento profissional.

Observada no ambiente escolar, essa lógica é descrita pelo educador estadunidense Ira Shor em conversas com Paulo Freire como “créditos de divergência”: ou seja, posso assumir dada tarefa inofensiva para alcançar reconhecimento como “parte legítima do ambiente”. “Vistos em conjunto, a sociedade e seus subsistemas, como a educação, são autoritários. Mas nem todas as partes são dominadas pela autoridade ou estão fechadas à oposição democrática” (Freire; Shor, 1987, p. 83). Embora o pensamento se volte às práticas escolares, a reflexão cabe perfeitamente às rotinas profissionais jornalísticas. Ao assumirem determinadas atividades, jornalistas possibilitam a abertura de outros caminhos na busca por espaços possíveis de autonomia, ainda que relativa e negociada, conquistando legitimidade para confrontos e transgressões (Marocco, 2008) no trânsito entre a política institucional e a sua confrontação.

A existência de escadas profissionais dentro da organização jornalística é tida como evidente para Soloski (1999). Um sistema de recompensa para jornalistas é relatado por ele, apoiado em Kornhauser (1963 *apud* Soloski, 1999), no qual as organizações têm sido obrigadas a criar dois tipos de escadas de carreira, a

de direção e a profissional. A primeira se apresenta como a tradicional medida do sucesso, com a promoção de trabalhadores à estrutura hierárquica da direção. A segunda seria uma forma de recompensar profissionais bem-sucedidos, elevando sua remuneração e categoria sem aumentar suas responsabilidades de supervisão diretorial, portanto, sem assumir obrigações administrativas. Nesse caso, no lugar de uma autoridade de gestão, a recompensa seria uma maior liberdade no exercício da função jornalística, pois estes não teriam acesso à tomada de decisões nas esferas de poder da estrutura.

Apesar de remeter a uma categoria que Bourdieu (2009) chamaria de “pré-construída”, pois é tirada diretamente do mundo social e da própria corporação, o termo “repórter especial” é adotado nesta pesquisa de forma consciente desta limitação. Sabendo se tratar de uma construção socialmente produzida e antecipadamente determinada no grupo social, o uso da expressão é mobilizado por se reportar ao próprio modo como se costuma referir a esses profissionais no jornalismo, sendo, portanto, uma categoria entre agentes da instituição. Contudo, a escolha requer também questionar essa construção automatizada entre a comunidade profissional, como se procura fazer aqui. A expressão “repórter especial” é uma representação de poder simbólico (Bourdieu, 2009) legitimado pela própria dinâmica social do campo profissional jornalístico. Reconhecer esse processo é essencial para compreender as relações de força que permeiam a profissão. Segundo Bourdieu (1996), o *habitus* se molda desde as experiências familiares, escolares e sociais, influenciando escolhas, gostos e competências.

Identidade dos sujeitos e seus primeiros estímulos para o jornalismo

Ainda que repórteres especiais representem um fragmento muito específico da comunidade profissional, a singularidade dos próprios percursos pode fornecer pistas relevantes para compreender dinâmicas e processos internos do campo profissional. Essa característica é um contraponto a possíveis questionamentos quanto a uma eventual distorção na pesquisa por representarem um possível “desvio” do perfil padrão (Bauer; Aarts, 2017). Um dos critérios fundamentais adotados na definição do *corpus* foi a relevância assumida pelos jornalistas no campo profissional, buscando por uma amostra significativa da categoria. A amostragem, desse modo, mesclou profissionais com atuações e passagens por plataformas diversas. Houve a preocupação em atender a diferentes aspectos contemplados na seleção, como

abrangência territorial, diversidade geracional, de raça e de gênero. Os prêmios concedidos a jornalistas brasileiros (incluindo Prêmio Esso, Vladimir Herzog, Jabuti, Líbero Badaró, entre outros) constituíram um dos referenciais para esta seleção, tendo em vista o reconhecimento dos pares.

A definição do *corpus* contemplou experiências do *mainstream* e iniciativas ligadas ao jornalismo alternativo. Reuniu repórteres especiais com atuação não somente em grandes centros urbanos, procurando contemplar a diversidade de práticas possíveis, embora a condição de repórter especial seja por si só restrita e o *corpus* sempre represente uma limitação, à medida que parte de uma inevitável seleção. Procuro, assim, atender a um conjunto de critérios na operacionalização da escolha dos repórteres especiais como grupo aqui analisado: Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana e Renan Antunes de Oliveira (*in memoriam*). Os depoimentos dos jornalistas foram colhidos em entrevistas concedidas para esta pesquisa e relatos dos sujeitos coletados em materiais complementares, publicações e livros escritos por esses jornalistas e sobre eles. A abordagem metodológica avança em um mergulho de fôlego a partir desses relatos, constituindo um desenho analítico específico à pesquisa.

Os 12 repórteres especiais selecionados para o estudo apresentam trajetórias profissionais diversificadas e marcadas por reconhecimento no jornalismo brasileiro. Acumulam experiência em diferentes veículos e destacam-se por coberturas aprofundadas em áreas como política e direitos humanos. Possuem prêmios que reconhecem a excelência investigativa. As idades variam, refletindo diversidade geracional. Além da reportagem, vários exercem atividades docentes e participam de organizações culturais, evidenciando múltiplos campos de atuação e o seu capital simbólico.

Estudos que se baseiam nas percepções de jornalistas são relevantes porque permitem compreender como esses profissionais interpretam seu papel social e os contextos em que atuam, revelando dimensões estruturais e experiências subjetivas da prática jornalística. Um estudo recente nesse sentido é o de Pecoraro e Ituassu (2025), que capta a visão de repórteres sobre a cobertura da Operação Lava Jato. Da mesma forma, a pesquisa sobre as trajetórias de repórteres especiais (Moser, 2024) evidencia como esses jornalistas atribuem sentido às próprias escolhas profissionais e posições de prestígio no campo. Tais investigações reforçam que a prática jornalística é sempre situada, construída em meio a disputas simbólicas, e que ouvir

a voz dos próprios jornalistas é essencial para problematizar os limites e as possibilidades do jornalismo. No estudo realizado, a instituição escolar, como reivindica Bourdieu, tem papel central nessas relações, além das influências pessoais e dos grupos de referência, na escolha de cada sujeito pelo jornalismo como profissão, como ilustram os depoimentos a seguir.

Adriana Carranca: “Vi naquilo uma possibilidade de poder navegar por vários assuntos”

O começo foi quase por acaso. Tinha interesses difusos, gostava de muitas coisas. Na época de decidir o vestibular, conheci uma jornalista e percebi que ela tinha conhecimento muito amplo de várias áreas [...]. Vi naquilo uma possibilidade de poder navegar por vários assuntos e adiar a escolha da área que me interessava. Gostava de escrever desde pequena, escrevia cartas indignadas ao Paulo Maluf (então governador de São Paulo) cobrando-o sobre corrupção e superfaturamento de obras. Quando criança, testemunhei episódios de violência, como a prisão de um adolescente quando eu tinha 6, 7 anos, e de uma mulher que aparentemente tinha problemas mentais. Lembro muito disso. Quando comecei a fazer coberturas, na faculdade, me voltei para esses assuntos (Moser, 2021, p. 181).

Andrea Dip: “Não só um se relaciona com o outro, como também um complementa o outro”

Quando tinha uns 12 anos, veio parar na minha mão uma fita com os primórdios do Green Day, Bad Religion, Jane’s Addiction, Pixies. Aí eu pirei nisso e, aos 13 ou 14 anos, fui conhecendo as coisas da Riot Grrrl¹ e a minha banda favorita de todos os tempos, a Bikini Kill [...]. Não só um se relaciona com o outro [o jornalismo e o punk] como também um complementa o outro. Minha maior conexão com o feminismo e com as lutas vem através do jornalismo, já que denuncio violações de direitos de mulheres e é a partir disso que minha militância se constrói. Muitas das coisas que grito na Charlotte [banda de que participa] eu vivencio e denuncio no jornalismo (Moser, 2021, p. 183-184).

Armando Antenore: “Eu vou ser escritor”

No primário, uma professora... ela olhava os meus textos, e me falou: “O que você vai querer ser? Você poderia aproveitar a sua escrita”. Eu disse: “eu vou ser escritor”. Ela: “Escritor não dá. Você não consegue ser escritor”. E perguntei: “Qual [profissão] dá para viver de escrever?” Ela: “Talvez, jornalista”. E aquilo ficou na minha cabeça. A única coisa que eu sabia era que existia um suplemento infantil na Folha de S.Paulo, chamado Folhinha [...], onde publicavam textos de crianças. Cismei que eu queria publicar um texto lá. [...] O primeiro texto que publiquei, com 10 anos, foi justamente lá. [...]. Essa era a minha ligação com o jornal. Para prestar vestibular, pedi para o meu pai assinar a revista Veja, aí comecei a ler e tal. Eu caí de paraquedas na faculdade de Jornalismo (Moser, 2021, p. 180).

Caco Barcellos: “Não tinha ninguém na família com relação com atividade intelectual”

Gostava muito de escrever, desde criança, mas não sabia que isso tinha a ver com reportagem, com jornalismo. Não tinha ninguém na família com relação com atividade intelectual. Mas tinha grandes

¹ Movimento cultural feminista, que abrange fanzines, festivais e bandas punk rock e hardcore.

contadores de história. Trovadores. No Sul, isso é muito comum. O trovador é um contador de história acompanhado de um violão. Meu avô era carroceiro, e eu era o auxiliar dele, a gente vendia frutas pelo bairro. [...]. Acho que foi a primeira noção de reportagem que eu tive, sem saber que era reportagem. [...]. Fui muito influenciado por eles, eu gostava de contar histórias [...]. Um dia, um colega do colégio, na hora do intervalo, [...] estava com um texto meu que tinha esquecido ali: “como é que você não conta que você escreve, cara?! [...] Você tem que ser escritor!” (Moser, 2021, p. 181).

Chico Felitti: “Calhou de eu ter uma tia que ficou rica sendo jornalista”

Meus pais falaram pra fazer jornalismo, porque pelo menos eu teria um emprego. Calhou de eu ter uma tia que ficou rica sendo jornalista, mas ela era mais da área corporativa” [...]. Aos 17 anos, passei em uma faculdade pública e uma particular. Quis fazer as duas, meus pais me ajudaram a pagar a PUC no começo do curso, e ainda no primeiro ano comecei a trabalhar e conseguia bancar a mensalidade [...]. Trabalhei com telemarketing, assessoria de imprensa de moda e jornalismo de alto luxo enquanto estava na faculdade. Aos 21 anos, passei no trainee da Folha [de S.Paulo], onde fiquei por dez anos [...]. Aos 29 anos, pedi demissão do jornal para trabalhar com TV. Mas aí publiquei o perfil do Ricardo Correa no BuzzFeed [...], me reaproximando do jornalismo Felitti, entrevista a Moser, 2021).

Daniela Arbex: “Escrevi meu primeiro livro aos 8”

Escrevi meu primeiro livro aos 8 [anos]. Eu o illustrei todo. Era uma história sobre um menino que construiu um balão para conhecer o mundo. Fui à biblioteca e pedi informação sobre como eu publicava um livro, mas a bibliotecária ignorou.” [...]. “Escolhi o jornalismo como profissão aos 14 anos. [...] Sempre quis contribuir com a sociedade e fazer a diferença.” [...]. “Quando eu falo que a minha formação humana me ajudou, não tô falando da religião, tô falando da formação mesmo, porque eu comecei a ver os meninos que chegavam no Lar do Caminho [entidade espírita da qual participa], a questão da desigualdade, isso foi forjando o meu olhar. [...] É diferente do Brasil que eu conheço, tenho uma vida confortável e tal... (Moser, 2021, p. 182-183).

Fabiana Moraes: “Minha educação tem mais a ver com a música”

Eu não tive tanto acesso a livros, a livros-reportagem ou à leitura de reportagens. Estudei em escolas bem mais ou menos, digamos assim, enfim, meu pai não era uma pessoa que comprava livros. Minha educação tem mais a ver com a música, de ouvir música, eu falo muito que a literatura que eu tive mais acesso foi a literatura da letra da música, que eu gosto muito. E que me ensina muito. [...]. Eu lembro quando eu tinha uns 9 anos e meu pai comprava o Diário de Pernambuco. Eu ficava lendo o caderno de Economia, não entendia nada. Mas eu dizia, “ah, que legal escrever! Quero ser jornalista” [...]. A escrita, de maneira geral, sempre me emocionou demais! Talvez a música tenha mais influência no meu trabalho do que jornalistas (Moser, 2021, p. 183).

Fábio Bispo: “Acho que eu sempre tive esse anseio por esse senso mais crítico”

Na adolescência, vivendo na periferia [...], a paixão pela música me levou a romper as barreiras do bairro e me proporcionou outro contato importante, com culturas e pessoas de fora do círculo

geográfico de onde morava, com a crítica social e com outras formas de narrativas da vida. [...] Acho que sempre tive anseio por ter esse senso mais crítico, mesmo antes de pensar em ser jornalista, sempre gostei das leituras mais críticas, da Filosofia, da Sociologia. Na música, sempre gostei da música de protesto. Quando era adolescente eu tinha uma banda punk, antissistema. Acho que vem um pouco da formação da minha cabeça, sempre tive esse conceito formado de que o sistema é opressor. Então, eu vou me colocar, nesse sentido, para dentro do jornalismo (Moser, 2021, p. 183).

José Hamilton Ribeiro: “Eu tinha uma tia que gostava muito de ler [...] Ela me influenciou muito”

Eu tinha uma tia que gostava muito de ler e ela tinha uma livraria, a primeira livraria da cidade [...]. E ela me influenciou muito. Então, me dava livros para ler, de Monteiro Lobato, próprios para a idade, e me incentivava muito a ler e a escrever também. Havia um jornal mineiro que se chamava O Lutador, que tinha um concurso de redação para os leitores publicarem. E uma redação que eu mandei pra lá eles publicaram. Então, minha tia festejou muito aquilo. [...] Acho que vem daí a vocação. [...] Quando vi [meu texto] publicado, as pessoas comentando, eu falei: “ah, o meu negócio vai ser esse!”. A partir daí, eu comecei a me informar sobre como se fazia para ser jornalista. E, então, soube que tinha uma escola de jornalismo em São Paulo, que era a primeira do Brasil. Me inscrevi (Moser, 2021, p. 182).

Mauri König: “Eu caí no jornalismo assim... sei lá, por um acaso muito grande”

Do ponto de vista cultural, eu caí no jornalismo assim... sei lá, por um acaso muito grande... porque eu nunca tive um exemplo de leitura dentro de casa. [...] Não lembro, ao longo de toda a minha vida em que estive com minha família, de ver meu pai, minha mãe abrir um livro pra ler, nunca. Não tive esse modelo, esse exemplo dentro de casa. Mas eu sempre fui muito bem na escola. Sempre tirei notas boas. Eu só reprovei no ensino técnico, que seria o Ensino Médio. Eu fui estudar no ensino técnico em Pato Branco [PR], onde eu morava, num curso de Engenharia de Construção Civil, e eu não me dei muito bem e reprovei. Acabei indo para outro colégio, num outro curso técnico de contabilidade, estou falando da década de 1980. Isso dá uma ideia do contexto cultural e social da minha história (Moser, 2021, p. 180-181).

Natalia Viana: “Eu sempre disse que queria ser jornalista, escritora primeiro”

Acho que eu decidi ser jornalista quando estava terminando o terceiro [ano] colegial. Desde criança, eu queria ser escritora. [...]. Eu sempre disse que queria ser jornalista, escritora primeiro, e, depois, jornalista. Sempre gostei muito de escrever. Acho que é a coisa que eu mais gosto na vida. E eu sempre fui muito curiosa. [...]. Mas, até eu entrar na faculdade, eu jamais tinha conhecido um jornalista. Eu conheci um, que aliás é o fundador do Le Monde Diplomatique e do Outras Palavras, o Antônio Martins, quando eu estava no colégio. A gente fundou um jornalzinho, foi lá e capitaneou. Eu capitaneei sem nunca ter conhecido um jornalista. Eu já era apaixonada. [...] por ter um veículo. Sei lá, por escrever e comunicar. Viver de escrever sempre foi uma paixão (Moser, 2021, p. 180).

Renan A. de Oliveira: “Eu sempre quis ouvir as histórias e contar as histórias”

Eu tinha uma namorada que foi fazer jornalismo. [...]. A Jandira, minha primeira namorada, começou a trabalhar na RBS em Porto Alegre, fazendo cobertura política. [...] Eu tinha feito vestibular para

Direito e parei nas dificuldades de ser um estudante imaturo. [...] A Jandira foi fazer jornalismo na Famecos [PUC-RS], ela era mais velha do que eu uns dois anos [...]. Aí fui também [...]. Eu não sei fazer mais nada na vida, eu sei contar algumas pequenas histórias. Já tentei várias profissões. Aqui mesmo na faculdade [UFSC] eu entrei em 1976. Fiz o vestibular e passei. [...] Sempre quis ouvir as histórias e contar as histórias. Eu lia muito. Buscava informação. Gostava de saber das coisas. Sempre fui muito curioso. E daí, de uma pra outra, eu entrei nessa (Moser, 2021, p. 182).

Com suporte na discussão sobre poder simbólico a partir de Bourdieu (1996), para quem as variações da competência se relacionam estreitamente à educação escolar associada às condições sociais do sujeito, os relatos adquirem importância, pois ajudam a compor o percurso empreendido por esses profissionais. Quando narram suas primeiras motivações e interesses pelo jornalismo, alguns membros do grupo selecionado enfatizam a inexistência de um familiar ou pessoa próxima, como jornalista, durante a própria infância ou adolescência (Caco e Natália). Talvez a lembrança dessa ausência ajude a fortalecer a conquista pelo lugar de destaque alcançado numa sociedade competitiva, mas também há a menção à presença profissional de um jornalista como parâmetro para a escolha (Adriana e Chico), além de parentes a quem se atribui os primeiros estímulos recebidos para a escrita (Caco e José Hamilton), reforçando o capital cultural adquirido na família mesmo numa condição cultural com limitações.

Nos relatos, vemos como o reconhecimento externo (pela escola, por leitores, pela mídia ou por pares) legitima a vocação e a trajetória profissional. Em geral, a experiência escolar corrobora esses estalos iniciais (Natalia), podendo os professores ter um papel decisivo nesta construção (Armando e Mauri). Quando não se manifesta uma interferência direta da família ou da escola, a rede de relações orquestrada pelos sujeitos pode desempenhar algum impulso nesse sentido (Renan). Quase todos os depoimentos também convergem para os primeiros sinais de uma possível escolha pelo jornalismo entre a infância e adolescência (Adriana, Andrea, Armando, Caco, Chico, Daniela, Fabiana, Fábio, José Hamilton, Natalia e Renan). Mesmo essas manifestações se dando das formas mais diversas, é possível encontrar algumas semelhanças entre elas. O gosto por contar histórias pode ser entendido como um ponto em comum para justificar o interesse inicial pelo jornalismo como profissão, ainda quando se tem uma visão bastante distante da realidade diária da atividade.

Vários relatos se alinham na apreciação do hábito de ler e de escrever desde cedo (Adriana, Armando, Caco, Daniela, Natalia, Renan e José Hamilton). Assim, a publicação dos primeiros textos em jornal pode ter

ocorrido para alguns ainda na infância (Armando), com o estímulo de parentes (Chico), para participar de concursos de redação (José Hamilton), incluindo até a produção de livro próprio (Daniela) ou mobilização para criação de um jornal na escola (Natalia). Há também quem destaque a ausência de uma tradição de leitura no ambiente familiar, seja de jornais (Armando), ou de livros (Fabiana e Mauri). Na constituição de subjetividades diferenciadas, os impulsionadores mais eficientes de distinção seriam as posses de capital econômico e capital cultural, além do capital social, responsável por uma rede de relações (Bourdieu, 2009). Nessa racionalidade, jornalistas provenientes de camadas populares teriam mais dificuldade para ascender profissionalmente e chegar à condição de “especiais”, comparados aos de classes sociais privilegiadas, ainda que o jornalismo tenha suas próprias regras e esferas de legitimação.

Nos trechos reunidos, existe também a possibilidade de reconhecer o trânsito dos repórteres por outros campos sociais, como detentor de vivências que facilitaram o trabalho jornalístico e a conquista de um diferencial na área, como experiências formadoras de sensibilidade social a partir de outras esferas, como a religião (Daniela) e a música (Andrea, Fábio e Fabiana) – ambas formas de contato com outras realidades para além das próprias vivências. Ao longo dos relatos, é evidente como o desejo de escrever, de contar histórias e de “fazer a diferença” vai além da simples concepção técnica do jornalismo. Há uma aspiração por distinção simbólica: ser reconhecido como alguém que “escreve bem”, “tem sensibilidade”, “denuncia injustiças” ou “conta grandes histórias”. A função de repórter especial pode ser vista como resultado dessa acumulação e reconhecimento de capital simbólico, conferindo-lhes autoridade específica.

Quando se reconhece que o ambiente familiar não foi favorável para práticas sociais de leitura, por exemplo, é inegável a participação da escola no processo, com o alcance do bom desempenho nesse ambiente (Mauri). A dedicação à escrita aparece nos relatos em diferentes situações, desde textos destinados à publicação em suplemento infantil (Armando) a cartas ao governador (Adriana). Em alguns casos, poderia não haver identificação com os jornais acessados naquela altura, mas a dimensão da entrega à escrita e à leitura se manifestava de diferentes maneiras (Armando e Fabiana). O gosto por escrever assume uma importância tão significativa na existência desses profissionais que pode ser classificado como a principal satisfação da vida (Natalia), reforçando o caráter central da escolha profissional na constituição identitária dos sujeitos (Armando, Daniela, José Hamilton, Natalia).

Em síntese, as respostas fornecidas pelo grupo mostram que a escolha profissional se associa a uma combinação de razões, sendo impossível selecionar apenas uma causa para esta inclinação. As motivações mencionadas reiteram sentidos comuns como curiosidade (Natalia e Renan), paixão pela escrita (Armando, Adriana, Caco, Fabiana, José Hamilton e Natalia) ou desejo de contar histórias (Armando, Adriana, Caco, Chico e Natalia) e sentimento de indignação frente às desigualdades e injustiças sociais (Daniela e Fábio). Isso acontece mesmo quando se desconhecia mais detalhadamente a profissão (Armando, Caco e Mauri). Também há situações em que se reconhece uma escolha pelo jornalismo “por acaso”, sem a tentativa de justificá-la (Mauri). Deste modo, o jornalismo é visto também como uma forma de canalização de identificações individuais.

Considerações finais

Ao analisar os primeiros estímulos que direcionaram os jornalistas à profissão, é possível observar a recorrência de certos fatores em parte significativa do corpus. Entre os 12 repórteres especiais, dez relatam experiências na infância ou adolescência que despertaram interesse pela escrita e pela narrativa de histórias, evidenciando o papel do gosto pela leitura e pela expressão escrita como catalisador inicial da trajetória jornalística. Além disso, sete profissionais mencionam influências externas significativas, como professores, familiares ou figuras próximas que valorizaram a produção textual ou estimularam o questionamento crítico. Esses padrões revelam que, embora cada percurso seja singular, existem elementos comuns capazes de explicar tendências na escolha pela profissão, permitindo identificar convergências mais robustas do que a simples referência a casos isolados.

Ao refletirem sobre seus percursos, repórteres especiais entrevistados revelam motivações que extrapolam a ideia tradicional de vocação, frequentemente evocada no campo profissional. Seus relatos apontam para escolhas profissionais ancoradas a experiências afetivas, gostos cultivados ao longo da vida e representações simbólicas sobre o exercício do jornalismo. A narrativa de si mesmo, muitas vezes sustentada por memórias da infância, contribui para atribuir sentido não apenas à escolha da profissão, mas também às formas específicas de atuação. Contudo, é necessário reconhecer os limites dessa reconstrução retrospectiva. Inspirada nas reflexões de Bourdieu (1996), esta análise parte do entendimento de que todo relato autobiográfico está atravessado pela *ilusão biográfica*. As trajetórias aqui examinadas, portanto, não

devem ser lidas como narrativas lineares ou predestinadas, mas como construções simbólicas que tentam dar sentido à própria história, ao mesmo tempo em que são moldadas pelas demandas do presente, pelas normas do campo e pelas formas socialmente legitimadas de contar de si mesmo.

Reconhecer esse caráter construído da identidade profissional não invalida a relevância das experiências memorizadas, mas exige um olhar atento àquilo que é selecionado ou silenciado no processo de narração. As motivações evocadas, como o gosto por escrever, o desejo de denunciar injustiças ou o fascínio pelo estilo de vida jornalístico, revelam, sobretudo, a complexidade do vínculo que se estabelece entre sujeito e profissão. Como sugerem os dados levantados, esse vínculo não é fixo, mas continuamente negociado ao longo da carreira, em meio a disputas simbólicas, práticas cotidianas e relações sociais. Ao reunir esses relatos e refletir sobre os sentidos atribuídos ao ingresso no jornalismo, esta pesquisa busca oferecer uma compreensão contextualizada das formas de consagração simbólica no campo a partir do lugar social ocupado por repórteres especiais. Trata-se, em última instância, de iluminar uma fração específica da profissão e revelar como prestígio, reconhecimento e autoridade se constroem não apenas no exercício da reportagem, mas também nas narrativas que os próprios sujeitos produzem sobre quem são, de onde vieram e por que escolheram o jornalismo como caminho.

Sob a lente de Bourdieu (2009), estudar essas motivações significa não apenas investigar inspirações individuais, mas também revelar os mecanismos sociais que sustentam trajetórias e consolidam posições no campo. Esse olhar contextual, atento às interações sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas, é essencial para analisar qualquer produção jornalística. Contudo, nas reportagens de fôlego produzidas por repórteres especiais, essa dimensão tende a se manifestar com ainda mais intensidade. A experiência-vivência de cada repórter, afinal, orienta os modos de sentir, perceber e representar o mundo e, por isso mesmo, torna-se elemento importante para se compreender a reportagem não apenas como gênero discursivo, prática profissional, mas sobretudo como método de abordar a realidade (Moser, 2024).

Ao reunir esses relatos e refletir sobre as trajetórias de repórteres especiais, esta pesquisa busca contribuir para ampliar o debate sobre a formação simbólica no jornalismo e os modos como prestígio e reconhecimento são construídos e legitimados. Trata-se de lançar luz sobre um segmento minoritário em número, mas altamente influente na definição de valores e práticas da profissão. Futuras investigações

podem aprofundar essas questões por meio de análises comparativas com outros segmentos do jornalismo, explorando, por exemplo, como esses elementos influenciam as produções realizadas por tais profissionais. Além disso, o reconhecimento da dimensão subjetiva como parte constitutiva da reportagem convida a uma reflexão aprofundada sobre os critérios utilizados para definir excelência profissional. Compreender as escolhas e a formação simbólica de repórteres especiais, portanto, é um passo necessário para repensar os modos como vivências pessoais se entrelaçam ao método da reportagem.

Magali Moser

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Jornalista da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), atuou como professora substituta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Regional de Blumenau (FURB),

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5109-1171>

E-mail: magali.moser@gmail.com

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de; GOULART DE ANDRADE, Ana Paula (Org.). **Teorias do Jornalismo e experiências profissionais: múltiplas perspectivas**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2023.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: P. A. G. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 44-72.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise no jornalismo tem solução?** Barueri: Letras e Cores, 2019.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. 22. ed. São Paulo: Publifolha, 2021.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v25.ed56.2025.480>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 25, n. 56, p.154-170, maio/ago. 2025

MAROCCO, Beatriz. Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **Ilha do Presídio**: uma reportagem de ideias. Porto Alegre: Libretos, 2008. p. 33-47.

MOSER, Magali. **O método da reportagem**: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais. Cachoeirinha/Brasília: Fi/Editora SBPJor Luiz Gonzaga Motta, 2024. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c007-metodo-reportagem> Acesso em: 10 ago. 2025.

MOSER, Magali. **O método da reportagem**: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234583>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PECORARO, Caroline; ITUASSU, Arthur. Cumplicidade da mídia e desvio de rota: as percepções de jornalistas que cobriram a Lava Jato. **Revista FAMECOS**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. e45920, 2025. DOI: 10.15448/1980-3729.2025.1.45920.

PEREIRA, Fábio Henrique. **As diferentes maneiras de ser jornalista**: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vegas, 1999. p. 91-100.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. **A tribo jornalística** – Uma comunidade jornalística transnacional. Florianópolis: Insular, 2013.

TRAVANCAS, Isabel S. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 2011.

Recebido em: 3 de maio de 2025.

Aprovado em: 10 de setembro de 2025.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.